

Amagnas em tempo
11/3/98 p. 2/2
Class. Nordeste Amazonas
92 Geral

História II

Quipus e Sepataridas

Neste segundo e último artigo o autor revela por que alguns povos do alto rio Negro são considerados descendentes do Sol, como os Dessana, ou da Noite, como os Tucano

Armando Júlio Souto Loureiro

Sepatarida era um artefato similar ao quipu dos incas, e foi usado por nossos índios do alto rio Negro. Mostrei ao Gabriel Gentil, um tucano que dedica o seu tempo ao estudo sobre coisas antigas da sua tribo, um livro com ilustrações de quipus, e ele disse:

- Nós temos um igual, é o sepatarida!, e eu conheço um velho que ainda sabe usar, vou falar com ele, para ensinar.

Passados uns dias, ele voltou e me pediu para comprar cordas, inclusive de diversas cores, que o Kumû-Baiá Prudencio Costa, de 79 anos, ia explicar como montar e manusear o sepatarida.

Kumû-Baiá são dois tipos de atividades que o seu Prudencio tem: Kumû significa curandeiro, um homem sábio; e Baiá é uma pessoa especialista em tocar, cantar e dançar, além disso, ele entende dos desenhos e das pinturas corporais da tribo.

Comprei as cordas e o Gabriel passou algumas semanas freqüentando, conversando e tentando aprender os segredos do sepatarida, o que não foi conseguido.

- É muito difícil são Armando!, não dá para entender direito, tem muita cor, muito número e muita data...

Como eu já havia lido alguns relatos dos cronistas espanhóis (vide parte I, publicada neste Caderno terça-feira), inclusive o de Gutierrez de Santa Clara, no qual ele fez referências às escolas para rapazes aprenderem a manusear os quipus, e que isto levava mais de um ano, não foi nenhuma surpresa para mim. Depois de rebuscar novamente em outros livros, encontrei o relato de Antonio de La Cancha, onde a sua pequena explicação (vide parte I) parece mostrar algum caminho para o caso. Estamos apenas aguardando a volta do seu Prudencio, que se encontrava visitando parentes no rio Negro, e quem sabe se agora os segredos dos quipus e dos sepataridas possam ser elucidados.

O Gabriel, por sua vez, tirou grande proveito das suas conversas com o Kumû, pois delas saiu o Sepatarida Kihti. Kihti significa uma história versificada ou não na língua tucano, e já fazem centenas de anos que elas são contadas da maneira abaixo, portanto não estranhem.

Apenas os três primeiros parágrafos são apresentados na língua tucano.



Mostra Um chefe ou curaca exibindo um quipu, o guardador da memória

Sepatarida Kihti - História das Cordas de (Fios) Entrelaçados, por Gabriel Gentil: Muhipeurê da' ra-ko' terã/ Sepataridare këoparã (Os que tinham sepatarida/eram os serventes do Sol/ Wiogê Kê kãrirôtiro niporo sepatarida (Esta corda sempre ficava perto/onde dormia o chefe da casa/ Yohôdari-me' rã wekada niporo (Era feito com as fibras de curauá-yohôdari)

Primeiro com os fios davam várias voltas no sentido vertical no pedaço de madeira duro/ Os pedaços de madeira eram colocados em quadrados e amarrados nas pontas/ Três homens casados,/ que entendiam das estrelas e constelações,/ que sabiam interpretar os sonhos/que entendiam das cerimônias,/ eram os que, junto com as esposas, teciam sepataridas/as esposas teciam manualmente/com os fios de curauá.

Em seguida nos fios verti-

cais/eram amarrados muitos nózinhos/cada nó amarrado eram um sinal/

Amarravam fazendo nós de cima para baixo todos iguais/cada nó indicava uma medida de duração de tempo

Treze nós pequenos,/ amarrados de cima para baixo/no início, do lado esquerdo, para direita/representavam dois tempos: um inverno e um verão/seria um ano do nosso tempo (tempo nosso dos tucanos)

Dois nós grandes significavam dois anos/Se foram amarrados vários nós/é sinal de vários anos

Os pequeninos nós/que eram feitos nos lugares reservados/no mesmo lugar do sepatarida,/eram contagens de quantidades:/quantas pessoas humanas/quantos trabalhadores que trabalhavam para o Sol/assim estavam dizendo os nós

Assim o Sol sabia de

tudo,/quantas pessoas eram melhores caçadores,/e pescadores que pescavam no lago Grande

As contagens eram levadas por pessoas viajantes que viajavam remando nas águas

Viajavam para casas (lugares) que ficavam nas cabeceiras do Norte/Depois, aí eram contadas as quantidades/de vários tipos de produções

Sepatarida ficava, especialmente/onde era o lugar de produzir pedras preciosas ou ouro./Quando viajavam para ilhas, e outros caminhos, levavam sepataridas

Também quem ia procurar alimentos ou roubar mulheres levava sepataridas/Era uma orientação do Sol de fazer assim/Quando tocavam os tambores, nas épocas certas,/quando tocavam as músicas por meio de flautas/quando adoravam o Sol e a Lua/faziam maiores registros com nós, no sepatarida

Importante: números de pajés, as mortes de chefes e pajés eram também registrados com os nós

Os gentes da canoa (os que vieram na canoa das transformações), sabiam todas as sabedorias,/os agentes da noite, aprenderam com gentes do Sol/Depois com o tempo foram esquecendo

O Kihti escrito por Gabriel, mais uma vez, vem confirmar uma imigração de índios para a Amazônia, em decorrência da expansão do Império Incaico, provavelmente na época do nono inca, Yupanqui, que levou as suas fronteiras até o atual Equador.

Os que não queriam aderir ao Inca, ou seja ao Sol, ficaram conhecidos como gentes da noite e os que aderiram, gentes do dia. Portnato, remanescentes de tucanos, de dessanos, de uananas e de outros, que foram massacrados por Yupanqui num lago, que de Lago de Sangue, virou Lago de Leite, vieram para Amazônia em uma canoa chamada "Canoa das Transformações", através do rio Içá, ou Itzá, ou Itzi. Além destas tribos, faço aqui referência a uma outra, mais numerosa, também imigrante em decorrência desta expansão, os Muras ou Buras, ou ainda Piuras, do deserto de Piura, no Peru.

São considerados gentes da noite no alto rio Negro: os Tucanos, da Lua; os Uananas, das Estrelas; os Suici, das Estrelas;

Os do dia são: os Dessanas, do Sol; os Baninas, do Sol; os Werekenas, do Sol.